

Memória, voz e olhar: a autorreflexão da poética espaçotemporal em “Solombra”, de Cecília Meireles

*Memory, voice, and gaze: the self-reflection of spatiotemporal poetics in Solombra, by
Cecília Meireles*

STEPHANIE CHANTAL DUARTE SILVA
Mestranda em Estudos de Linguagens (CEFET-MG)
stephaniechantaldu@gmail.com

Resumo: Este ensaio estuda como Cecília Meireles constrói sua poética por intermédio da relação espaço-tempo no livro *Solombra* (1963), com base em conceitos de espaço e de tempo na literatura e na poesia. A partir da leitura de alguns poemas, busca-se compreender de que modo o “eu lírico” enfrenta o tempo e a temporalidade, elaborando, diante da imaginação e da dor da perda (pela morte), uma memória de caráter melancólico. Assim, procurou-se mostrar que a construção dos versos em *Solombra* (1963) se realiza, nesse contexto, por meio da memória, da voz e do olhar do “eu lírico”, que conduz uma autorreflexão acerca de sua incompreensão quanto à própria presença no mundo.

Palavras-chave: espaço; tempo; *Solombra*; Cecília Meireles.

Abstract: This essay investigates how Cecília Meireles constructs her poetics through the space-time relationship in the book *Solombra* (1963), based on literary and poetic concepts of space and time. Through the reading of selected poems, the study seeks to understand how the lyrical self confronts time and temporality, crafting—through imagination and the pain of loss (through death)—a memory with a melancholic nature. The analysis aims to demonstrate that the construction of the verses in *Solombra* (1963) is developed, in this context, through the memory, voice, and gaze of the lyrical self, who undertakes a self-reflection on their own incomprehension regarding their presence in the world.

Keywords: space; time; *Solombra*; Cecília Meireles.

1 REPRESENTAÇÃO

Ao desenvolver o conceito de espaço aplicado à análise literária, Luis Alberto Brandão, em *Teorias do espaço literário* (2019) e no artigo intitulado “Espaços literários e suas expansões” (2007), discorre acerca do termo “espaço” pode assumir diferentes significados e funções conforme os contextos teóricos e as orientações epistemológicas adotadas na abordagem do objeto literário. Por outro lado, o autor também observa que o espaço é compreendido como uma forma de representação, uma categoria que ultrapassa os limites do texto e se projeta como conteúdo social, isto é, como uma dimensão extratextual que se inscreve na obra literária. Brandão descreve que a Teoria Literária contempla múltiplas concepções de espaço, que podem ser mobilizadas em

diferentes tipos de análise. Para Brandão, é possível definir como o espaço na literatura é abordado em quatro modos: primeiro, representação do espaço; segundo, espaço como forma de estruturação textual; terceiro, espaço como focalização; quarto, espaço na linguagem.

Na Teoria Literária, assim como se observa a representação do espaço, também se destaca a representação do tempo. Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, no livro *Sujeito, tempo e espaços ficcionais* (2001), discutem as formas pelas quais o tempo é construído na narrativa literária e na poesia. Segundo os autores, o tempo pode ser trabalhado nos textos ficcionais e poéticos em múltiplas dimensões: o tempo em consonância com a palavra, seus sentidos e tempos verbais; o tempo da leitura; o tempo ficcional, narrativo e poético; as representações objetivas e subjetivas do tempo; bem como nas leituras do tempo, que envolvem imagens temporais, história do tempo e a articulação entre tempo e memória.

Nas poesias de Cecília Meireles, o tempo é abordado a partir da noção de fragmentação temporal, da noção do instante, bem como da memória, da efemeridade, da transitoriedade e, conseqüentemente, da melancolia, como é possível notar na quarta e na quinta estrofe do poema 1¹ do livro *Solombra* (1963): “teu nome aqui, na fina pedra do silêncio, / no ar que frequento, de caminhos extasiados, / na água que leva cada encontro para a ausência // com amorosa melancolia.” (Meireles, 2017, p. 279, v. 2). Na terceira estrofe, nota-se, ainda, que o pronome possessivo “tu” a quem o “eu lírico” se refere não é exatamente identificável, porém é possível fazer referência à memória, uma memória que não se pode definir nem se pode consolar: “a vida, a vida, a vida! e sendo apenas cinza. / E sendo apenas longe. E sendo apenas essa / memória indefinida e inconsolável. [...]” (Meireles, 2017, p. 279, v. 2). Partindo das concepções de espaço e tempo aplicadas à análise de textos literários e poéticos, neste ensaio, serão estudados alguns poemas do livro *Solombra* (1963), de Cecília Meireles, com o intuito de identificar de que modo essa poética espaçotemporal é construída e como ela se realiza mediante a memória, a voz e ao olhar do “eu lírico”. Essa perspectiva é perceptível, por exemplo, na terceira estrofe do poema 14: “Tudo é no espaço – desprendido de lugares. / Tudo é no tempo – separado de ponteiros. / – E a boca é apenas instrumento de segredos.” (Meireles, 2017, p. 287, v. 2). Conquanto, para esta análise, será utilizado o livro *Sujeito, Tempo e Espaços Ficcionais* (2001), de Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira, que discute conceitos relativos ao texto literário/poético bem como de algumas teorias sobre espaço e tempo na literatura. Além disso, o livro *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade* (2009), de Doreen Massey, que relata algumas questões sobre o espaço e sua representação no contexto literário, também auxilia no estudo para este ensaio. Além desse referencial teórico, serão mobilizados estudos da fortuna crítica da poeta, com destaque para os trabalhos de Alba Waléria Machado e Silva (2008), Alberto da Costa e Silva (2017), Delvanir Lopes (2011), Helen Ferreira Nunes (2017) e Leila Vilas Boas Gouvêa (2008).

2 FRAGMENTOS

¹ Por não possuírem títulos, os poemas do livro *Solombra* (1963) serão identificados em ordem cronológica.

O texto literário é o objeto essencial para representar o espaço na literatura. Por meio dele, serão analisadas, por exemplo, as características físicas/concretas – o cenário, os lugares pelos quais os sujeitos ficcionais pertencem ou transitam, e os recursos de contextualização da ação. Além disso, há a representação do espaço social, psicológico e urbano. Luis Alberto Brandão narra os diferentes tipos de espaços presentes na literatura e na poesia tanto no livro *Teorias do espaço literário* (2019) quanto no artigo intitulado “Espaços literários e suas expansões” (2007). Para o autor, no espaço como forma de estruturação textual, é evidenciado de que modo a estrutura do texto e os procedimentos formais são aplicados ao texto literário e como esses recursos produzem o efeito de simultaneidade. Já no espaço da linguagem é abordado como a própria linguagem verbal “traduz” a espacialidade, isto é, enfatiza-se que a palavra também é espaço. No espaço como focalização, há um recurso utilizado no texto literário e poético que corresponde pelo ponto de vista, focalização ou perspectiva, ou seja, o contexto narrativo referente à voz e ao olhar do narrador, do “eu lírico”:

[...] o espaço se desdobra em espaço observado e espaço que torna possível a observação. Observar pode equivaler a mimetizar o registro de uma experiência perceptiva. Por essa via é que se afirma que o narrador é um espaço, ou que se narra sempre de algum lugar. Mas observar também pode equivaler, bem mais genericamente, a configurar um campo de referências do qual o agente configurador se destaca (o que justifica que se enfatize, por exemplo, a autoreflexividade da voz poética) (BRANDÃO, 2007, p. 211).

O narrar de algum lugar e a autorreflexividade da voz poética é justamente o que “eu lírico” de *Solombra* (1963) apresenta ao leitor, uma vez que é um livro que aduz certo tipo de testamento poético de Cecília Meireles, como se nota na primeira estrofe do poema 4: “QUERO UMA SOLIDÃO, QUERO UM SILÊNCIO, / uma noite de abismo e alma inconsútil, / para esquecer que vivo – liberta-me” (Meireles, 2017, p. 280, v. 2); e na segunda estrofe: “das paredes, de tudo que aprisiona; / atravessar demoras, vencer tempos / pulantes de enredos e tropeços” (Meireles, 2017, p. 281, v. 2). Devido, talvez, à proximidade da morte² da própria poeta, esse testamento é em que o “eu lírico” busca a transcendência e a autorreflexão: “Ser tua sombra, tua sombra, apenas, / e estar vendo e sonhando à tua sombra / a existência do amor ressuscitada. // Falar contigo pelo deserto.” (Meireles, 2017, p. 281, v. 2). Nessas estrofes do poema 4, o “eu lírico” deseja a solidão, o silêncio. Sua alma quer estar só, em um completo afastamento do mundo. O abismo é o lugar onde quer chegar para que, assim, possa absorver a sua solidão e compreender que está aprisionado pelas “paredes”, pelas formas. Dessa prisão, quer se libertar, para que possa se entregar por completo à sombra do objeto amado, pois, somente mediante esse amor, atingirá a transcendência da vida, do instante, do momento, do tempo. E se consolidará a morte, lugar onde deseja estar com seu amado pela eternidade.

²*Solombra* foi publicado em outubro de 1963, 11 meses antes da morte de Cecília Meireles, que ocorreu no dia 09 de novembro de 1964.

O lugar de fala do “eu lírico” de *Solombra* (1963) define sua poética nos poemas. É o modo pelo qual o “eu lírico” consegue transmitir, mediante a sua voz, o que de fato quer dizer, isto é, o que é enunciado, como explana Brandão (2019, p. 62): “[] Em sentido mais amplo, trata-se do efeito gerado pelo desdobramento, de todo discurso verbal, em enunciado – produto que se enuncia; aquilo que é dito – e enunciado – processo de enunciar; ação de dizer [...]” . Desse modo, no contexto do espaço como focalização, a literatura conduz um tipo de visão a qual é tida como uma faculdade espacial, fundamentada em espaço visto e em espaço vidente, ou seja, a partir de um espaço percebido, concebido, configurado, vidente, perceptório, conceptor e configurador.

No poema 16, o espaço pode ser percebido em dois momentos. O primeiro deles nos dois primeiros versos da primeira estrofe: “Ó LUZ DA NOITE, DESCOBRINDO A COR SUBMERSA / pelos caminhos onde o espaço é humano e obscuro [...]” (Meireles, 2017, p. 288, v. 2). O espaço humano é a representação dos caminhos tortuosos pelos quais o “eu lírico” perpassa e descobre as profundezas da dor através das sombras – solombra. Em um segundo momento, na terceira estrofe, o “eu lírico” encontra-se em um estado de aceitação diante da sua presença no espaço umbrático, em que há a escuridão e a sombra, remetendo novamente à solombra: “Abro esta porta além do mundo, mas não passo. / Basta-me o umbral, de onde se avista o ponto certo, / o grande vértice a que sobe o olhar do mundo.” (Meireles, 2017, p. 288, v. 2). O “eu lírico” evidencia que a “cor submersa” é algo inerente à sua existência, que o tempo é fragmentado assim como o seu existir também o é. Por esse motivo, busca a compreensão da transitoriedade das coisas, o que o faz buscar, também, a luminosidade através da “luz da noite”.

O espaço na literatura também é estudado no livro *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade* (2009) por Doreen Massey, que discorre acerca da representação do espaço historicamente na literatura. Para a autora, o espaço/espacialização é definido como falta de temporalidade, em que o tempo está inerte e não há uma mudança em relação a esse pensamento. Sendo assim, o espaço é visto como algo menos importante do que o tempo. Contudo, por intermédio da representação da história/vida/mundo real, o espaço ganha o tempo. Massey esclarece que esse modo de se pensar o espaço não é o que o define, pois isso é um conceito ultrapassado para o espaço/espacialização. Na visão da cientista social e geógrafa, o espaço e o tempo são definições opostas, por isso não deve haver uma posição de vantagem ou desvantagem entre eles. Há, portanto, uma definição e consagração da duração.

Em *Solombra* (1963), o tempo é representado pela memória advinda da dor da perda, configurando a experiência de algo ausente, algo que não está no presente, que se perdeu, que se encontra no passado ou até mesmo na projeção do futuro. Com isso, os sentimentos de solidão, angústia, melancolia e tristeza são gerados como forma de reflexão existencial na tentativa frustrada de incompreensão da temporalidade, ou seja, de incompreensão do tempo, como salienta Delvanir Lopes no artigo intitulado “A compreensão do espaço-tempo em versos de Solombra, de Cecília Meireles” (2011): “[...] ao referir-se à existência de um modo geral na obra de Cecília Meireles, constata a incapacidade de lutar contra o tempo. [...] a compreensão da temporalidade é incomum, pois pode, no presente, antecipar o passado e o futuro.” (Lopes, 2011, p. 2). Percebe-se que Cecília Meireles trabalha o tempo em seus poemas na relação entre passado, presente e futuro, e mergulha nessa temporalidade de modo que se possa vivê-la através

da memória e não senti-la. Exatamente dessa maneira, define-se a construção do tempo nos textos poéticos: “Na poesia, [...] o tempo não é *representado*, mas *vivido*. O que importa não é *abordar* o tempo, mas *experimentá-lo*; não é *reconhecer* o tempo, mas *mergulhar* nele.” (Santos; Oliveira, 2001, p. 54).

No poema 22 de *Solombra* (1963), a memória é construída a partir da imaginação e, conseqüentemente, dos fragmentos que por ela emergem. Há oposições entre os termos “luz/sombra”, “presente/alheia”, “longe/perto”, que correspondem à incerteza do “eu lírico”. Na primeira estrofe, o “eu lírico” sente a beleza na ausência: “SOBRE UM PASSO DE LUZ OUTRO PASSO DE SOMBRA. / Era belo não vir; ter chegado era belo. / E ainda é belo sentir a formação da ausência.” (Meyreles, 2017, p. 291, v. 2). Devido ao contraponto entre “luz” e “sombra”, o “eu lírico” vê a beleza, pois a inconstância entre vir e não vir, chegar e não chegar, é, de fato, bela. Entretanto, a beleza é concretizada no breve instante entre “estar” e “não estar”, o mesmo instante em que se forma a ausência, que, por natureza, é bela. A solidão é interposta pela inexistência da certeza, onde a solidão a acompanha e o aprisiona, mesmo sendo “presente e alheia”, em direção à memória vivente, todavia fragmentária: “Nada foi projetado e tudo acontecido. / Movo-me em solidão, presente sendo alheia, / com portas por abrir e a memória acordada.” (Meyreles, 2017, p. 291, v. 2), como expresso na segunda estrofe. A memória é descrita pela metáfora da “planta crescente” na terceira estrofe ainda do poema 22: “A acordada memória! esta planta crescente / com mil imagens pela seiva resvalantes, / na noite vegetal que é a mesma noite humana.” (Meyreles, 2017, p. 291-292, v. 2). As “mil imagens” representam as lembranças da memória que é fragmentada pelo tempo, isto é, pode-se depreender que há uma impossibilidade da memória em se fixar, tendo em vista que o tempo é fragmentado.

Esta memória, embora fragmentária, conduz o “eu lírico” do poema 6 ao “tempo humano” na primeira estrofe: “PARA PENSAR EM TI TODAS AS HORAS FOGEM: / o tempo humano expira em lágrima e cegueira. / Tudo são praias onde o mar afoga o amor.” (Meyreles, 2017, p. 282, v. 2). Um tempo que traduz a fragmentação do próprio tempo, que faz das horas um instante de alento para “eu lírico”. No entanto, esse “tempo humano” é um tempo de dor, de sofrimento, de lágrimas, trazendo certa ablepsia perante ao amor. O instante é iminente, liga-se, destarte, ao que está por vir, permitindo a temporalidade tanto do presente quanto do futuro, bem como do passado, quer dizer, pelo que já ocorreu, pelo que ocorrer e pelo que está para ocorrer. Portanto, o “[...] instante é tão evanescente que acaba sendo paradoxal [...]” (Lopes, 2011, p. 6), uma vez que o instante o “[...] paradoxo do Instante é o de nunca ter principiado e não poder ter fim.” (Lourenço, 1974, p. 39 *apud* Lopes, 2011, p. 6). Dessa forma, o instante se torna completo, possibilitando, no agora, o encontro entre “[...] passado e futuro, vida e morte [...]” (Lopes, 2011, p. 6).

Na terceira estrofe do poema 6, a memória do “eu lírico” o transporta à imortalidade das lembranças: “Vejo a flor, vejo no ar a mensagem das nuvens, / – e na minha memória és imortalidade – / vejo as datas, escuto o próprio coração.” (Meyreles, 2017, p. 282, v. 2). Essa imortalidade é o que o “eu lírico” busca através da transcendência na quarta estrofe. É o meio pelo qual tenta imortalizar o momento, o tempo, a própria memória, para que se possa contemplar a solidão: “E depois o silêncio. E teus olhos abertos / nos meus fechados. E esta ausência em minha boca: / pois bem sei que falar é o

mesmo que morrer.” (Meireles, 2017, p. 282, v. 2). Uma solidão que está no calar, na ausência, na impermanência, na morte bem como na vida: “Da vida à Vida, suspensas fugas.” (Meireles, 2017, p. 282, v. 2), como se encerra o poema em sua última estrofe.

A efemeridade da vida também perpassa pelos versos do poema 12. Na primeira estrofe, nota-se que o “eu lírico” encontra-se em um momento de autorreflexão no que diz respeito ao amor: “O QUE AMAMOS ESTÁ SEMPRE LONGE DE NÓS: / e longe mesmo do que amamos – que não sabe / de onde vem, aonde vai nosso impulso de amor.” (Meireles, 2017, p. 285, v. 2). Há inconstância em saber e não saber como a atitude impulsiva do ato de amar se concretiza e para aonde se vai. Na segunda estrofe, o “eu lírico” afirma, ao comprar o amor como uma “flor na semente”, que o seu objeto amado não se pode prever, por isso o medo faz com a impermanência aflore em seu ser: “O que amamos está como a flor na semente, / entendido com medo e inquietude, talvez / só para em nossa morte estar durando sempre.” (Meireles, 2017, p. 285, v. 2). O tempo cristalizado – “durando sempre” – no final do último verso desta estrofe, denota que, nas poesias de *Solombra* (1963), o tempo é vivido e experimentado, como ressaltam Santos e Oliveira (2001).

3 SOMBRA

Este ensaio pretende mostrar um pouco do universo poético de Cecília Meireles, mais especificamente a partir da leitura de alguns poemas do livro *Solombra* (1963) no que tange os conceitos de espaço e de tempo na literatura e na poesia. A partir dessa análise, é possível notar que a relação espaço-tempo nos versos da poeta é construída mediante o contexto narrativo referente à voz e ao olhar do “eu lírico”, como também à memória. Dessa forma, o “eu lírico”, na falha tentativa de lutar contra o tempo e na incapacidade de compreender a temporalidade, constrói uma memória mediante a imaginação e a dor da perda (pela morte), o que resulta nos sentimentos de solidão, angústia, melancolia, tristeza, bem como nos temas relativos à efemeridade, à inconstância, à brevidade da vida e à transitoriedade, como resalta Helen Ferreira Nunes (2017, p. 110): “**Solombra**, com seus vinte e oito poemas, apresenta em seu temas a efemeridade, a transitoriedade, a brevidade da vida, o sentimento de ausência e distância, a temporalidade, o retorno ao passado, às memórias e a busca pela identidade [...]”.

A busca do “eu lírico” por meio da reflexão existencial transmite a sua voz poética, ocupando o seu lugar de fala no contexto narrativo referente à sua voz e ao seu olhar – o espaço como focalização. O “eu lírico” de *Solombra* (1963) anseia pela memória como forma de viver o tempo, uma memória que é: “[...] ainda mais enigmática, pois essa memória é tensionada como a ficção, com a imaginação.” (Nunes, 2017, p. 110). Uma memória que traduz a dor e a melancolia de um ser pensante e que está perante a morte e ao mesmo tempo a vida, como explana Alberto da Costa e Silva (2017, p. 13): “A cada leitura, *Solombra* me parecia, mais do que um adeus, um acerto de contas com a dor e o esplendor da vida.”. De acordo com Leila Vilas Boas Gouvêa (2008), é uma dor que corresponde às inúmeras facticidades dos acontecimentos trágicos pelos quais Cecília Meireles vivenciou desde a sua infância, imprimindo o sentido de distância e o estado de ausência e de melancolia.

Os poemas de *Solombra* (1963) que foram analisados neste ensaio, em grande parte, podem ser lidos a partir das expressões de um “eu lírico” que, ao encontrar-se diante da incompreensão da temporalidade, mergulha na própria memória para buscar compreender de que modo se faz presente no mundo. A morte é o mote para a produção dos poemas neste livro, pois, por intermédio da dor da perda, o “eu lírico” se transporta para a memória e perpassa por esses fragmentos de espaço e de tempo. Baseado neste contexto filosófico que, através da memória, da voz e do olhar do “eu lírico”, Cecília Meireles evidencia a sua reflexão poética em *Solombra* (1963) e faz: “[...] um mergulho na própria memória, o que faz surgir as reminiscências da vida, imagens transfiguradas do real e recursos de eternização dos valores humanos e universais.” (Silva, 2008, p. 81). Por conseguinte, para a poeta, o seu: “[...] modo filosófico de retratar as coisas leva-a a questionar o valor eterno atribuído aos bens transitórios, como a mutabilidade das coisas.” (Silva, 2008, p. 81).

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Luís Alberto. Espaços literários e suas expansões. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 206-220, 30 jun. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.15.1.206-220>.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectivas, 2019.
- GOUVÊA, Leila Vilas Boas. **Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- LOPES, Delvanir. A compreensão do espaço-tempo em versos de *Solombra*, de Cecília Meireles. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 2., 2011, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU, 2011. p. 1-15.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Hasbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. 2 vls. Coordenação de André Seffrin. São Paulo: Global Editora, 2017.
- NUNES, Helen Ferreira. Cecília Meireles: uma leitura de *Viagem* e *Solombra*. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, n. 30, 2017, p. 98-110. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14224>.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA, Alba Waléria Machado e. **Transitoriedade cintilada**: uma leitura de Viagem, de Cecília Meireles, e Bagagem, de Adélia Prado. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SILVA, Alberto da Costa e. Apresentação. *In*: MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. 2 vls. Coordenação de André Seffrin. São Paulo: Global Editora, 2017, p. 13.